



ABREU, Maira Luisa Gonçalves de. **Feminismo no Exílio: O Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris.** São Paulo: Alameda, 2014. Impressão realizada em 2016.

Eloisa Rosalen

## “Nosso corpo nos pertence”: a análise do feminismo no/do exílio de mulheres brasileiras

“Nosso corpo nos pertence” foi o lema presente nos dois grupos de consciência<sup>1</sup> - mas não somente neles - organizados durante o exílio de mulheres brasileiras da ditadura civil-militar do Brasil (1964-1979): o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris (1972-1976) e o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (1976-1979). Ambos os grupos criados na França tiveram um papel muito importante para as mulheres envolvidas diretamente neles, para a comunidade de exiladas/os e para o feminismo de brasileiras; do mesmo modo foram espaços que se constituíram em função da emergência do feminismo de “segunda onda”. Maira Abreu narra de maneira simples e eloquente essa significativa história através do livro *Feminismo no Exílio: O Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*.

*Feminismo no Exílio* consistiu-se na publicação de uma versão modificada de sua dissertação de mestrado defendida na Universidade de Campinas no ano de 2010. A proposta de estudo foi de superar um déficit ligado às pesquisas sobre feminismo no Brasil, principalmente, aquele que teve sua base no exílio a partir dos dois grupos supracitados<sup>2</sup>. Por isso, buscou cumprir a necessidade de narrar sobre os grupos que

foram diretamente protagonizadas por mulheres brasileiras e que contribuíram para os feminismos emergentes na França naquele período.

A publicação do livro se insere no conjunto de pesquisas acerca da história das mulheres e completa o campo dos estudos sobre exílios de latino-americanos/as e suas respectivas inserções no exterior. De um modo geral, as produções sobre o exílio de brasileiras/os podem ser organizadas em alguns eixos temáticos, como: as narrativas sobre as experiências do exílio (com ROLLEMBERG, 1999 e QUADRAT, 2011); as narrativas sobre o feminismo e o exílio (com ABREU, 2010, BACK, 2013, e PEDRO; WOLFF, 2007); e algumas novas leituras, como a situação dos trabalhadores exilados (CHOTIL, 2016) e das relações de gênero presentes no exílio (ROSALEN, 2016).

O recorte temporal delimitado pela autora está ligado ao objeto de pesquisa, isto é, ao período da existência dos grupos, o que corresponde aos anos de 1972 até 1976, para o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, e 1976 até 1979, para Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. No entanto, Maira Abreu começa suas análises desde a partida do Brasil, nos anos 60, e finalizou com o retorno das brasileiras e suas inserções no Brasil pós-1979. Caracterizando de maneira ampla as vivências e subjetividades as mulheres envolvidas e ilustrando o contexto brasileiro e francês do período estudado.

Além disso, a pesquisa de Maira Abreu se restringiu em maior número (mas não exclusivamente) às experiências das mulheres brasileiras pertencentes aos

<sup>1</sup> Conforme Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff (2007) os grupos de consciência, emergiram a partir dos meados dos anos 70, nos Estados Unidos, onde mulheres (muitas donas de casa de classe média urbana) passaram a discutir sobre as suas próprias vidas. A formação de grupos de consciência aconteceu em diversos países, e entre as mulheres exiladas também, como os dois grupos estudados por Maira Abreu.

<sup>2</sup> Obviamente, os dois grupos analisados por Maira Abreu não foram os únicos que se constituíram durante o exílio. Além deles, foi possível constatar o registro do Grupo de Mulheres Brasileiras de Lisboa e da Seção Feminina do PCB.

grupos, deixando de fora muitas nacionalidades que também tiveram participação, principalmente, no Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris. O exílio não foi um processo vivido somente por brasileiras, mas por tantas outras mulheres provenientes de diferentes países da América do Sul que também passavam por ditaduras. Tal ponto delimita uma questão importante já que a abre possibilidade para pensar a transposição de fronteiras, a circulação e o debate feminista transnacional e a possibilidade de comparar os diferentes contatos que cada comunidade exilada estabeleceu em sua permanência no exterior.

O livro destina-se a quem procura aprofundar o assunto sobre o exílio de mulheres brasileiras e a emergência do feminismo na França no qual estas mulheres estiveram presentes. É um livro de extrema importância para pesquisadoras/es e todas/os aquelas/es que têm interesse em conhecer mais sobre estes grupos e sobre a importância do feminismo francês teve na formação de mulheres que estavam no exterior, uma vez que delimita de maneira clara e objetiva a constituição, as aproximações com o feminismo francês, as diferenças entre os dois grupos e a importância que tiveram dentro desse contexto múltiplo existente em Paris.

Ao longo do livro *Feminismo no Exílio* é possível ler sobre a emergência do feminismo durante os anos 60 e 70, os principais debates/ polêmicas presentes, a relação e os julgamentos que estes movimentos tiveram com as esquerdas marxistas, o contexto brasileiro (marcado pela ditadura militar, estabelecida em 1964) e a exposição detalhada sobre os dois grupos observados. A construção narrativa da obra contemplou tanto os aspectos contextuais quanto os subjetivos vividos pelas mulheres participantes do grupo. A autora alcançou de maneira perspicaz pontos muito importantes para a época, como: o *vécu*<sup>3</sup>, o debate sobre o pessoal ser político, e a autonomia com relação às organizações de esquerda.

Ao sinalizar a busca pela autonomia, a autora apresenta um significativo conflito presente naquele contexto. O

feminismo de mulheres brasileiras no exterior teve forte relação com as diferentes organizações da esquerda, que também se encontravam exiladas. A interação entre os grupos de tais movimentos era constante, já que várias mulheres, muitas vezes, faziam - ou fizeram quando no Brasil - parte de alguma organização. O distanciamento e a busca de autonomia frente às organizações foi um passo muito importante para os grupos, uma vez que rompia uma hierarquia clássica do período de que o feminismo tinha uma posição inferior em comparação à luta de classes. Como demonstrou a autora, tal embate sempre esteve presente nas discussões dos/nos grupos.

O livro está dividido em quatro capítulos. No primeiro, a autora se preocupou em levantar o que chamou de “caldo de cultura” presente entre os anos 60 e 70. Nesse capítulo deu ênfase ao *Mouvement de Libération des Femmes* (MLF) e ao feminismo de “segunda onda”. No segundo capítulo procurou apresentar sobre o novo modelo de feminilidade que emergiu no Brasil durante os anos 60, as mulheres e a ditadura, e os elementos ligados ao exílio. No terceiro capítulo examinou o Grupo Latino-Americano de Mulheres a partir da sua composição, emergência, e modo de funcionamento. Por último, analisou o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, dando ênfase a seu funcionamento, o perfil das militantes, as atividades, os temas debatidos e as referências teóricas.

Maíra Abreu finalizou o livro de maneira muito interessante ao fazer um *Breve Epílogo sobre o Retorno*, explicitando as tensões e os descompassos entre as feministas que retornaram do exílio e aquelas que permaneceram no país durante o período da ditadura. Nesse contato estabelecido também enfatiza que a soma dessas duas diferentes posições e perspectivas contribuíram muito para um novo pensamento que iria emergir no Brasil pós-ditadura. Nesse sentido, a autora ofereceu, desde os anos de 1960 até início dos anos de 1980, um panorama amplo do cenário feminista brasileiro, com a saída, estadia e retorno das mulheres exiladas e explicitou que os grupos de mulheres estrangeiras em Paris foram muito importantes tanto para o desenvolvimento do feminismo no Brasil quanto para o feminismo francês.

É muito interessante perceber dentro da análise a circularidade de ideias e boletins desenvolvidos pelos

<sup>3</sup> Termo francês que significa “vivido”. Conforme a autora, o *vécu* era uma prática dos grupos de consciência no qual as mulheres falavam sobre as suas experiências vividas.

dois grupos. Contudo, o grande mérito dessa obra encontra-se nas análises das temáticas debatidas e suas respectivas relações com os movimentos políticos da época. Em linhas gerais, as principais temáticas que foram analisadas pela autora e que foram debatidas dentro do grupo são: sexualidade, aborto, trabalho doméstico, anistia, educação, realidade brasileira, relação com organizações de esquerda, concepção de feminismo, entre outras. Em função dessa análise, Maira Abreu apresentou a grande diferença entre os dois grupos: a primeira ligada a geração das integrantes/ participantes; a segunda relacionada à própria leitura feminista que cada grupo estabeleceu vinculada a questão de classe.

As fontes utilizadas pela autora foram memórias levantadas através de entrevistas de história oral e as produções escritas (boletins, jornais, panfletos, e materiais internos). São nas análises das fontes que algumas ausências podem ser notadas. A autora não analisou as suas entrevistas na qualidade de memórias produzidas *a posteriori*. Por isso, deixa ao leitora/or a várias perguntas, como: O tempo não influenciou no processo de rememoração dos grupos analisados? As entrevistadas não filtraram/ selecionaram (como todo processo de memória) determinados assuntos ao narrar sobre o passado vivido? Alguns conflitos/ relações de proximidade não foram excluídos pelo processo de produção das memórias?

Outra divergência presente no livro *Feminismo no Exílio* é que foi pouco apresentada a situação das mulheres que não tiveram militância política no Brasil. Maira Abreu parece dar mais ênfase às militâncias políticas e suas relações com os movimentos de esquerda. Por outro lado, é de conhecimento que nem todas as exiladas eram militantes no país, já que muitas se encontraram no exílio em virtude da situação política de seus familiares (como esposos e filhos). A autora explicita esta situação, porém, enfatiza àquelas mulheres que tiveram participação direta em organizações de esquerda no Brasil e não apresentando muitas memórias das mulheres não militantes.

Foi no exílio que muitas mulheres tiveram contato com os movimentos feministas europeus e passaram a questionar as práticas cotidianas até então vividas, nesse sentido, pensar as suas militâncias é aprender mais sobre as diferentes constituições e significados

contextuais dos feminismos. Desse modo, Maira Abreu ofereceu uma ótima visão sobre um ponto importante da história do feminismo brasileiro e contribuiu para perceber as questões debatidas pelas mulheres exiladas. Também explicitou a grande contribuição para o feminismo que estava emergindo no Brasil nos anos de 1970, o que me faz considerar que este livro é uma leitura obrigatória para as estudiosas do feminismo brasileiro e de exílio de mulheres brasileiras durante a ditadura.

### Referências:

ABREU, Maira L. G. de. **Feminismo no Exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris**. 2010. 245 f. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas, 2010.

BACK, Lilian. **A Seção Feminina do PCB no exílio: debates entre o comunismo e o feminismo (1974-1979)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2010.

CHOTIL, Mazé Torquato. **Trabalhadores Exilados: a saga de brasileiros forçados a partir (1964-1985)**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

PEDRO, Joana Maria.; WOLFF, Cristina Scheibe. *Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris*. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p.55-69, jun. 2007.

QUADRAT, Samantha V. (org). **Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio: Entre raízes e radares**. Niterói: UFF, 1999.

ROSALEN, Eloisa. **Vidas (entre) laçadas: relações de gênero nas memórias do exílio brasileiro (1964-1979)**. 2016. 287 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0555-D.pdf>.